

O Bird caca subsídios

A missão do Banco Mundial (Bird) que está em Brasília acredita que a correção dos financiamentos aos produtores agrícolas pelo Índice de Preços Recebidos (IPR) representa na prática um subsídio. Esse foi um dos poucos comentários dos técnicos do banco, durante as reuniões com funcionários do governo brasileiro, durante todo o dia de ontem, no Ministério da Fazenda.

O Banco Mundial recomenda a extinção dos subsídios, como condição para o acesso aos financiamentos que oferece aos países subdesenvolvidos. De acordo com participantes das reuniões de ontem, não é comum que os técnicos do órgão opinem sobre informações que receberam dos brasileiros, limitando-se, na maior parte do tempo, a pedir esclarecimentos e a ouvir as respostas, sem comentários.

Ontem de manhã, por exemplo, a missão do Bird estava muito interessada em saber mais detalhes do pacote de medidas de apoio aos agricultores anunciado anteontem pelo governo. Os brasileiros explicaram que são medidas de emergência, que têm sua validade limitada até junho e, portanto, não representarão uma pressão constante sobre as contas do governo. Segundo os brasileiros, os técnicos do Bird apenas ouviram.

Essa descrição se refletiu na rápida conversa do chefe da missão do Bird com os jornalistas, ontem na hora do almoço, na saída do Ministério da Fazenda. O economista André Gué foi muito cordial, mas invariavelmente evasivo nas respostas. "Estamos analisando", "não podemos dar opinião ainda sobre isso", "continuamos discutindo." De todas as perguntas, Gué saiu sempre pela tangente, desde aquelas sobre programas específicos em discussão, até a sua opinião sobre o programa de financiamento do crescimento brasileiro, levado pelo ministro Dílson Funaro aos Estados Unidos no início do mês, e discutido anteontem na primeira reunião entre a missão e os técnicos do Ministério da Fazenda.

Gué admitiu apenas uma discreta opinião quando perguntado se um eventual acordo com o Bird poderia facilitar a negociação da dívida externa brasileira com os bancos privados. "Esperamos que seja útil, mas não sabemos", respondeu o economista em "portunhol" fluente.